

NARRATIVA DE RESISTÊNCIA: “SEMINÁRIO DOS RATOS”, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ligia Carolina Franciscati da Silva Massoli¹
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
(ligiafranciscati@hotmail.com)

Resumo: “Resistir é opor a própria força à força alheia”, afirma Alfredo Bosi. Segundo ele, resistência é um conceito primordialmente ético, mas é possível transpô-lo para o meio estético, especialmente, por meio da figura do narrador. Utilizando elementos insólitos, o conto “Seminário dos ratos”, de Lygia Fagundes Telles, critica o momento histórico de repressão política no país. Ao longo da narrativa os ratos invadem e devastam a casa onde acontece o VII Seminário dos Roedores. Nota-se, presente na obra em questão, a ironia na voz do narrador para se referir às instituições, aos chefes de estados, ao medo sentido por estes após a invasão e às medidas tomadas para resolver o problema. Segundo a própria escritora, a frase do conto “A situação está sob controle” é a metáfora perfeita para representar o método do governo militar para sanar as manifestações, por meio da censura, do sigilo administrativo, do privilégio de alguns e da morte de tantos outros. Desse modo, o intuito do presente trabalho é verificar como a utilização do insólito e da ironia refletem e acentuam a condição sociopolítica do Brasil.

Palavras-chave: Resistência; Lygia Fagundes Telles; Seminário dos ratos.

Abstract: “Resisting is opposing one’s strength to other’s strength”, states Alfredo Bosi. According to him, resistance is primordially an ethical concept, but it can be transplanted to the aesthetic field, especially through the role of the narrator. Using uncanny elements, Lygia Fagundes Telles’ short story “Seminário dos ratos” criticizes the historical background of political repression in Brazil. Throughout the narrative, rats invade and devastate the house where the 7th Seminar of Rodents takes place. The irony is clear in the narrator’s voice when he refers to the institutions, the heads of state, the fear they felt after the invasion and the measures taken to solve the problem. According to the writer herself, the quote from the short story - “The situation is under control” - is the finest metaphor to illustrate the method used by the military government to extinguish manifestations through censorship, administrative secrecy, privilege of few and death of many. Thus, the purpose of this work is to verify how the usage of uncanny and irony reflects and stresses the sociopolitical conditions in Brazil.

Keywords: Resistance; Lygia Fagundes Telles; Seminário dos ratos.

Resumen: “Resistir es oponer su fuerza a la fuerza ajena”, afirma Alfredo Bosi. Según el autor, resistencia es un concepto primordialmente ético, pero es posible trasponerlo hacia el medio estético, específicamente, a través de la figura del narrador. Al utilizar elementos insólitos, el cuento “Seminário dos ratos”, de Lygia Fagundes Telles, hace una crítica al momento histórico de represión política del país. En el desarrollo de la narrativa, los ratones invaden y devastan la casa donde ocurre el VII Seminario de los Roedores. Se nota, presente en la obra, la ironía en la voz del narrador para referirse a las instituciones, a los jefes de estados, al miedo sentido por éstos tras la invasión y las medidas tomadas para solucionar el problema. Según la propia escritora, la frase del cuento “La situación está bajo control” es la metáfora perfecta para representar el método del gobierno militar para sanar las manifestaciones mediante la censura, el secreto administrativo, el privilegio de unos y la muerte de tantos otros. De este modo, el propósito del presente trabajo es verificar cómo la utilización del insólito y de la ironía refleja y acentúa la condición sociopolítica de Brasil.

¹ Mestranda em Estudos Literários e bolsista CAPES.

Palabras clave: Resistencia; Lygia Fagundes Telles; Seminário dos ratos

Resistir significa “[...] não ser dominado (por impulso, vontade, ideia, influência, etc); não aceitar [...] não se deixar convencer [...]” (HOUAISS, 2001), ou seja, resistir é combater constantemente forças exteriores. Nesse sentido, Alfredo Bosi no texto “Narrativa e resistência”, presente na obra *Literatura e resistência* (2002), reflete como a literatura trata a questão da resistência, ao ultrapassar o campo ético e adentrar no campo estético, seja como tema, seja como processo inerente à escrita.

A resistência como tema literário ganha força, segundo Bosi (2002, p.125-126), no período pós-guerra, quando as obras apresentam um tom testemunhal, como em *Se questo è un uomo*, de Primo Levi, em que o narrador conta a sua experiência como judeu em um campo de concentração.

Já como forma inerente à escrita, num processo de interiorização do trabalho da voz narrativa, verifica-se a resistência interna na obra enquanto escrita, seja pelo ponto de vista do narrador, seja pela estilização da linguagem,

A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um *a priori* ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se põs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes. (BOSI, 2002, p.130)

Nesse contexto de resistência por meio da literatura está situada a obra de Lygia Fagundes Telles. O grande destaque nesse sentido é o romance *As meninas*, de 1973, em que a autora relata as experiências de três diferentes jovens no contexto ditatorial do país

Está lá, cravado nas minhas personagens, um instante da maior importância para a História do Brasil. É o registro, é o meu testemunho de uma época. Outro texto: “Seminário dos ratos”. A certa altura, diz um personagem: “A situação está sob controle”. Nessa hora, um rato atravessa a sala. É a metáfora exata do que acontecia naquela época do governo militar!” (CADERNOS, 1998, p.32)

O conto ao qual Lygia faz menção foi publicado no livro homônimo em 1977, após o romance supracitado, ambientado durante o governo do general Ernesto Geisel – caracterizado pela abertura política. Alguns contos da coletânea discutem a relação conflituosa e injusta entre o homem comum e os detentores de poder. A resistência é discutida em “Seminário dos ratos”, como tema, ao representar determinada época da história nacional, mas também como forma de escrita estetizada, pois há a utilização de elementos insólitos para representar o país fictício atravancado por um governo opressor.

Políticos nacionais e internacionais estão reunidos para a realização do VII Seminário dos Ratos, com o intuito de minimizar o crescimento da população de roedores. Todavia, desde o I Seminário a cúpula não solucionou o problema em questão. O conto apresenta um narrador heterodiegético, segundo a terminologia de Gérard Genette [197-], isto é, fora da história, faz-se importante notar que essa instância tem um olhar irônico, principalmente ante os diálogos entre o Chefe das Relações Públicas e o Secretário do Bem-Estar Público e Privado.

A narrativa é dividida em duas partes: na primeira, por meio dos diálogos das personagens citados, há a preparação do evento, e nota-se os interesses expressos quanto à manipulação do povo; já a segunda parte, contempla o que ocorreu após a invasão dos ratos.

O espaço ficcional, juntamente com o narrador, é uma instância fundamental para a instauração da ironia e do insólito como forma de identificar o momento histórico nacional, bem como as intenções dos políticos frente aos problemas sociais. O local do seminário é um casarão do governo afastado da cidade, longe dos temidos roedores: “[não] se conformam é de nos reunirmos em local retirado, que devíamos estar lá no Centro, dentro do problema.” (TELLES, 2009, p.154). Neste local os políticos dispõem de todo luxo possível como piscinas térmicas, carros, jatinhos e telefones.

As personagens que compõem esse ambiente são denominadas de acordo com os cargos políticos que exercem, ou seja, o foco está no papel social e, além disso, há um tom irônico em cada nomenclatura, a saber, Secretário do Bem-Estar Público e Privado, que menospreza as questões públicas e preocupa-se em

manipular a mídia; Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas, no contexto de publicação da obra os ideais conservadores eram latentes e qualquer oposição era punida severamente no meio familiar ou nas ruas; a delegação americana composta pelo Delegado de Massachussetts, um suposto segurança e uma secretária, Miss Glória. O nome da mulher é relevante, haja vista que ela é a única personagem com identidade, contudo, essa identificação pode remeter a glória conquistada mundialmente pelos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. “Aproveitei para conversar com eles, completei há pouco meu curso de inglês para executivos. Se os debates forem em inglês, conforme já foi aventado, darei minha colaboração.” (TELLES, 2009, p. 153).

Já o Chefe das Relações Públicas, um jovem de baixa estatura, organiza todo o Seminário e é o único sobrevivente da invasão dos ratos. A narrativa é construída, principalmente, pelo diálogo dele com o Secretário do Bem-Estar Público e Privado. Além de sua função social, sua fala é marcada pela presença da palavra *Bueno*, isso porque, “[...] o castelhano eu domino perfeitamente, enfim, Vossa Excelência sabe, Santiago, Buenos Aires...” (TELLES, 2009, p.153). Podemos inferir que essa personagem já esteve presente em outros países com governos ditatoriais, como Chile e Argentina, desse modo, sabe como proceder para conter as manifestações dos ratos e da imprensa.

Um dos assuntos tratados é a presença dos americanos no Seminário, visto que, segundo o Chefe das Relações Públicas, a solução para os ratos deveria ser uma questão tratada internamente e sem intromissões. Segundo Lamas (2004, p.216):

Fica evidente a posição política contrária a intervenção americana no país, principalmente porque na época havia suspeitas de que agentes americanos especializados em repressão política vinham ao Brasil treinar torturadores. (LAMAS, 2004, p.216)

Em sequência o Secretário ensina ao Chefe, candidato em potencial para assumir o seu posto, que ao recepcionar estrangeiros é necessário apresentar somente os aspectos positivos da nação e minimizar as dificuldades ao máximo.

Por que botar todo mundo a par de nossas mazelas? De nossas deficiências? Devíamos só mostrar o lado positivo não apenas da

sociedade mas da nosso família. De nós mesmos [...] O senhor, que é um candidato em potencial, desde cedo precisa ir aprendendo essas coisas, moço. Mostrar só o lado positivo, só o que pode nos enaltecer. (TELLES, 2009, p.153)

A manipulação da informação não se restringe ao âmbito internacional, mas, principalmente, nacional. No conto é evidenciado como as questões sombrias do regime eram escondidas da nação com o intuito de apresentar o desenvolvimento do país e lesar a imagem da resistência, deturpando a realidade dos fatos e camuflando a corrupção praticada pelos militares.

- Gastando milhões? Bilhões estão consumindo esses demônios, por acaso ele ignora as estáticas? Estou apostando como é da esquerda, estou apostando. Ou então, amigo dos ratos. (TELLES, 2009, p.154)
[...]

- Boa tática, meu jovem, é influenciar no começo e no fim todos os meios de comunicação do país. Esse é o objetivo. (TELLES, 2009, p.156)

[...]

[O povo] – Que se transforma em realidade quando os ratos começam a expulsar os favelados de suas casas. Ou a roer os pés das crianças da periferia, então, sim, o povo passa a existir nas manchetes da imprensa de esquerda. Da imprensa marrom. Enfim, pura demagogia. (TELLES, 2009, p.158)

De acordo com Souza (2014, p.245), o nível de corrupção no período da ditadura militar de 1964 foi colossal, favorecendo setores inteiros da elite militar e civil, aumentando a disparidade entre o centro e a periferia, entre ricos e pobres; legitimando a repressão dos movimentos sociais e retardando o acesso da população aos padrões mínimos de direitos sociais e culturais.

A narrativa também faz referência aos movimentos culturais do período que foram censurados pelos militares. O Secretário tem um pé enfermo, com uma doença nas articulações conhecida popularmente como gota e, nesse instante, há a alusão à canção “Gota d’água”.

- É algo...grave?

- A gota.

- E dói, Excelência?

- Muito

- *Pode ser a gota d’água! Pode ser a gota d’água!* – cantarolou ele, ampliando o sorriso que logo esmoreceu no silêncio taciturno que se

seguiu à sua intervenção musical. Pigarreou. Ajustou o nó da gravata. – *Bueno*, é uma canção que o povo canta por aí. (TELLES, 2009, p.158)

O refrão dessa canção é de composição de Chico Buarque de Holanda, um dos intelectuais mais atuantes e críticos diante da repressão imposta pela ditadura. O conto, ainda, apresenta outras referências, como o excerto do poema “Edifício Esplendor”, de Carlos Drummond de Andrade, epígrafe da narrativa e da letra “Lata d’água”, música popular do carnaval. Para Lamas (2004, p.221), a presença dessas referências enfatizam os aspectos positivos do Brasil, em contraponto com a situação política vigente.

Ao longo da composição de Lygia Fagundes Telles é possível apreender todos os assuntos mencionados por Souza (2014), pois o Seminário e a sua composição retratam a repressão e a desigualdade entre o povo, considerado pelo Secretário uma abstração, visto que a elite comanda o país. Ao encontro desse posicionamento, o narrador, de forma irônica, apresenta a imagem da estátua da Justiça vista pelo Chefe, como forma de revelar a situação vivida:

O Chefe das Relações Públicas teve um olhar de suspeita para a estatueta de bronze em cima da lareira, **uma opulenta mulher de olhos vendados**, empunhando a espada e a balança. Estendeu a mão até a balança. Passou o dedo num dos **pratos empoeirados**. (TELLES, 2009, p.157 – grifos nossos)

Os órgãos públicos também são ironizados, não somente pelo nome das personagens que os representam, mas, também, pela sigla das instituições, como RATESP – menção evidente aos ratos e a cidade de São Paulo. Quanto aos ratos, personagens que dão o aspecto insólito ao conto, o Chefe das Relações Públicas diz que no Egito Antigo foram exterminados devido à presença de gatos, todavia, o Secretário diz “- Mas Excelência, não sobrou nenhum gato na cidade, já faz tempo que a população comeu tudo. Ouvi dizer que dava um ótimo cozido!” (TELLES, 2009, p.158) – a afirmação irônica revela a miséria e as diferenças sociais, pois enquanto a população comia carne de gato, os integrantes do Seminário comiam lagostas.

O caráter irônico da narrativa é perceptível desde o título “Seminário dos Ratos”. Segundo o dicionário Houaiss (2001), o termo seminário é uma atividade intelectual de valor científico e cultural, em contraponto, o rato, na cultura popular, é sinônimo de pessoa trapaceira, considerado ladrão. De fato, o Seminário é composto por membros que não estão preocupados em resolver os conflitos da nação, todavia, a presença de ratos no sentido literal dá a qualidade insólita ao conto, representando uma população que vive nas regiões sombrias e é desprezada. Dessa forma, ocorre a instauração de um elemento anormal no cotidiano, pois de acordo com Bessièrre (1974, p. 11), a ruptura provocada na ordem empírica agrega fatores socioculturais, dentro da dialética do real e do irreal, variando de acordo com cada época.

O Secretário do Bem-Estar Público e Privado ao longo dos acontecimentos diz a todo momento ouvir ruídos, que não são partilhados pelos demais personagens. “Pois eu escuto demais, devo ter um ouvido suplementar. Tão fino. Quando fiz a Revolução de 32 e depois, no Golpe de 64, era sempre o primeiro do grupo a pressentir qualquer **anormalidade**”. (TELLES, 2009, p. 157 – grifos nossos).

Próximo ao início das atividades do Seminário, o ruído torna-se mais forte e passa a ser ouvido por todos. A anormalidade é instaurada pela invasão dos ratos. O Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas farejando o ar - ganhando atributo animal - diz que os telefones não funcionam, assim, qualquer comunicação externa é eliminada, fato peculiar para tais cargos que censuravam e detinham os meios de comunicação e nunca eram detidos.

Em seguida, surge o Cozinheiro-Chefe, que em estado de choque, anuncia ao Chefe o ataque dos ratos. “As lagostas, as galinhas, as batatas, eles comeram tudo! Tudo! [...] o que não tiveram tempo de comer levaram embora!”. (TELLES, 2009, p. 161). É interessante notar que há um movimento de metamorfose na narrativa, visto que as personagens presentes na casa ganham atributos de animais, como o fato do Diretor farejar, já os ratos adquirem características humanas.

[...] um deles ia levando assim no meu nariz, taquei o vidro de suco de tomate com toda a força e ele botou a galinha de lado, ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito um homem. Pela alma da minha mãe, doutor, **me representou um homem vestido de rato!** (TELLES, 2009, p.162 – grifos nossos)

Segundo Lamas (2004, p.224), o estranhamento gerado pela invasão dos ratos dentro da atmosfera que compõe o conto é abrupta, apesar dos indícios expressos pelo Chefe das Relações Públicas não existe uma explicação lógica para o ataque.

O Chefe tenta convencer o Cozinheiro a voltar para a cozinha a fim de salvar algo para dar continuidade às atividades do Seminário, contudo, é informado de que todos os meios de comunicação foram roídos e não há como escapar da ocupação. Os Ratos destruíram toda a estrutura do local

[...] nesse instante a casa foi sacudida nos seus alicerces. As luzes se apagaram. Então, deu-se a invasão, espessa como se um saco de pedras borrachosas tivesse sido despejado em cima do telhado e agora saltasse por todos os lados numa treva dura de músculos, guinchos e centenas de olhos luzindo negríssimos. (TELLES, 2009, p.163)

O único sobrevivente ao ataque foi o Chefe das Relações Públicas, que se refugiou na geladeira, único lugar que não fora invadido na cozinha - segundo o Cozinheiro-Chefe, “[só] respeitaram a geladeira que estava fechada [...]” (TELLES, 2009, p.161). Em uma atitude desesperada o homem retira todas as prateleiras e deixa a porta um pouco aberta para respirar. Nessa última parte da invasão, há a inversão total de papéis - o Chefe que encurralava os ratos, nesse instante, fica encurralado assumindo a característica de roedor.

Após a invasão tem início a segunda parte do conto. O narrador informa que houve um inquérito para avaliar as causas da destruição – e possivelmente para prender os invasores. O Chefe das Relações Públicas sai de seu esconderijo e:

[...] foi andando pela casa completamente oca, nem móveis, nem cortinas, nem tapetes. Só paredes. E a escuridão. Começou então um murmurejo secreto, rascante, que parecia vir da Sala de Debates e teve a intuição de que estavam todos reunidos ali, de portas fechadas. Não se lembrava sequer de como conseguiu chegar até o campo, não poderia jamais reconstituir a corrida, correu quilômetros. Quando olhou para trás, o casarão estava todo iluminado. (TELLES, 2009, p.164)

O narrador encerra a narrativa com essas palavras. O final ambíguo apresenta diferentes hipóteses para o futuro desse país ficcional e do respectivo Seminário. Será que os Ratos estão reunidos decidindo o futuro da nação ou a permanência das paredes revela a continuidade da repressão, sendo a invasão uma luta da resistência que não obteve êxito?

Para Vera Tietzmann Silva (1985, p.71), a ambiguidade da narrativa reside também no título do conto. Os ratos são o tema do VII Seminário dos Roedores, logo é um seminário de homens sobre ratos, mas, com a invasão há a possibilidade de inversão, ou seja, um seminário de ratos sobre homens.

O conto “Seminário dos ratos” é marcado, principalmente, pela ironia e pelo elemento insólito, onde os ratos transgridem a ordem estabelecida, propiciando, inclusive, a metamorfose, visto que os homens se tornam animais e os animais se tornam homens. Por meio do trabalho com a linguagem, Lygia Fagundes Telles denuncia a situação do Brasil no período ditatorial e a situação da população, tanto nos aspectos econômicos, tanto na manipulação da informação.

Portanto, atenta ao contexto sociopolítico, a autora trata da resistência como tema e como processo inerente à escrita, articulando a magia da palavra ao criar fatos insólitos para contemplar questões sociais.

Referências

BESSIÈRE. Irene. **Le récit fantastique**: la poétique de l'incertain. Paris: Laurosse, 1974.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: _____. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

Cadernos de literatura brasileira: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Pracom. n.5, 1998.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, [197-].

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMAS, Berenice Sica. **O duplo em Lygia Fagundes Telles**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SILVA, Vera M. V. **A metamorfose nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Rio de Janeiro: Presença, 1985.

SOUZA, Luís Antônio Francisco de. Militarização da segurança no Brasil contemporâneo: um exame do legado da ditadura nos 50 anos do golpe militar de 1964. In: _____. VIEIRA, Rosângela de Lima (Org.). **Ecos da ditadura na sociedade brasileira (1964-2014)**. Marília: Oficina Universitária ; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 231-248.

TELLES, Lygia Fagundes. Seminário dos ratos. In: _____. **Seminário dos ratos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.151-164.

Recebido em: 23/05/2017

Aceito em: 05/10/2017